

A EXPERIÊNCIA DAS OFICINAS DE ARQUEOLOGIA E POPULAÇÕES DE ORIGEM AFRICANA

Fabiana Comerlato¹

Resumo: Este artigo relata os conteúdos e atividades desenvolvidas nas oficinas de Arqueologia e Populações de Origem Africana em suas quatro versões, entre os anos de 2002 a 2004, promovidas pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O objetivo principal foi dar visibilidade às populações de origem africana no registro arqueológico, com especial enfoque aos sítios urbanos, quilombos, cemitérios de africanos e afros-descendentes e senzalas. Em âmbito local, os participantes puderam desenvolver atividade de educação patrimonial com o material arqueológico de uma senzala, referente à ocupação histórica do sítio Armação do Sul.

Palavras-chave: Arqueologia. Oficina de Arqueologia. Populações de origem africana.

THE EXPERIENCE OF WORKSHOPS ON ARCHEOLOGY OF AFRICAN DESCENDENT POPULATIONS

Abstract: This article presents the contents and activities from four workshops on Archeology and Populations of African descent, which were held between 2002 and 2004. They were promoted by the Center for Afro-Brazilian Studies of the State University of Santa Catarina. The principal goal was to give visibility to the populations of African origin in the archeological records, with special focus on urban sites, quilombos, cemeteries used by Africans and Afro-descendants, and senzalas (communal slave houses). Locally, the participants were able to undertake educational activities about the heritage, making use of archeological material from a senzala from a historic settlement site in Armação do Sul.

Key words: Archeology. Archeology Workshop. African Descendent Populations.

1 Introdução

O objetivo deste artigo é relatar as experiências das oficinas de “*Arqueologia e Populações de Origem Africana*” promovidas pelo Grupo de Pesquisa de Multiculturalismo do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Estado de Santa Catarina (NEAB – UDESC). As oficinas procuraram discutir a questão da visibilidade das populações africanas no registro arqueológico. As reflexões aqui apresentadas são relativas às atividades e conteúdos ministrados em quatro oficinas que ocorreram em junho de 2002, março e setembro de 2003 e maio de 2004.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

2 A importância da arqueologia para o estudo das populações de origem africana

A arqueologia é uma ciência que tem como objetivo a reconstrução do passado do Homem através da cultura material (objetos, estruturas, paisagens etc), sendo mais conhecida por estudar objetos milenares que remontam aos primeiros povoamentos. Porém, parte da arqueologia brasileira dedica-se ao período posterior ao “descobrimento” - chamamos esta arqueologia de “histórica”.

A arqueologia histórica tem como característica a utilização conjunta de diversas fontes: escrita (manuscritos, cartas, relatos de viajantes, relatórios de governo, registros religiosos etc); iconográfica (mapas, fotos, desenhos, croquis etc); material (estruturas e objetos); oral (relatos de moradores antigos) (ORSER JÚNIOR., 1992, p. 55).

A documentação escrita nem sempre traz informações de toda a sociedade, sendo que uma grande parte da população é ignorada, está ausente ou é marginalizada pela ideologia do “letrado”. Os documentos escritos dos séculos XVIII e XIX são em geral registros eclesiásticos e administrativos que mostram as populações africanas como mercadoria, ou seja, como escravos. Os relatos de viajantes estrangeiros, neste período, servem aos historiadores como documento histórico, mas sua narrativa é fundamentalmente européia. Assim, de acordo com Funari (2002, p. 109), a arqueologia como ciência que dialoga com a história, tem um importante papel social já que “[...] o estudo da cultura material histórica permite, [...] conhecer as tensões sociais e a variedade de situações sociais vivenciadas.” A arqueologia possibilita que conheçamos populações que não tiveram acesso a escrita, mas que utilizaram a oralidade como principal forma de transmissão de suas culturas.

Além das novas abordagens historiográficas que percebem as populações africanas como sujeitos históricos, como podemos estudar os africanos e seus descendentes em Santa Catarina, a partir de uma perspectiva arqueológica?

Um ponto de partida é através do estudo dos territórios de ocupação e da cultura material produzida e apropriada por estas populações. Os territórios de ocupação das populações de origem africana, de acordo com Leite (1991), podem ser classificados em territórios de ocupação residencial e territórios de ocupação interacional.

Os primeiros, afirma Leite (1991, p. 42), são territórios de ocupação para habitação com base fixa e material, no contexto rural, destinam-se para habitação e produção; já no contexto urbano servem apenas para serem habitados. É o caso dos quilombos, das terras adquiridas por herança e das senzalas de unidades militares (fortalezas, postos de guarda etc) e unidades produtivas (fazendas, engenhos, armações etc).

Os quilombos², a partir da década de 80 do século XX, têm despertado o interesse dos arqueólogos brasileiros. Piazza (1999, p. 51-52) faz referência a documentação que alega a existência de quilombos em Santa Catarina. Segundo o autor, existiram, na primeira metade do século XIX, quilombos nas freguesias da Lagoa da Conceição, Santo Antônio, Canasvieiras, Rio Vermelho e outro próximo ao Rio Tavares, além da existência de um na Enseada de Brito. Contudo, ainda não foi sequer realizado um levantamento arqueológico sistemático para a localização dos antigos quilombos no Estado.

Os territórios de ocupação interacional

[...] têm como características principais o fato de serem locais de encontro e troca, nem sempre fixos, permeados por códigos simbólicos de pertencimento, que os diferenciam dos demais. Não se baseiam no parentesco consanguíneo mas não o exclui. (LEITE, 1991, p. 42).

Exemplos deste tipo de território são os locais destinados ao trabalho (mercados, praças, ruas, fontes d'água etc), ao lazer (tabernas), às práticas religiosas (terreiros de candomblé, cemitérios de "negros", igrejas de irmandades, como as de Nossa Senhora do Rosário etc).

Quanto à cultura material, são diversos os contextos arqueológicos históricos escavados que já revelaram a existência de cerâmica (recipientes e cachimbos), cujos atributos são identificados como pertencentes às populações de origem africana. Os cachimbos decorados, encontrados em sítios urbanos e rurais brasileiros, atestam a popularidade do fumo nos séculos XVIII e XIX; são em geral angulares, feitos de barro, modelados ou moldados e com decoração geométrica, antropomorfa ou floral (VIANNA, 2000).

² As escavações arqueológicas nestes territórios no Brasil permitem confirmar que não existe um modelo de quilombo *standard*. Portanto, a instalação, estrutura e funcionamento dos quilombos vão variar dependendo dos agentes sociais e das especificidades históricas. Os quilombos podiam ser formados em baixios pantanosos, serras, abrigos-sob-rocha; em ambiente rural, próximo ou dentro de áreas urbanizadas. No contexto sul-brasileiro, Carle (2001, p. 9) atesta para o fato dos quilombos do séc. XIX estarem situados no entorno de centros urbanos.

Até o momento, diversos fragmentos de cachimbos e peças inteiras foram encontrados em escavações arqueológicas de sítios históricos dos séculos XVIII e XIX em Santa Catarina, a saber: Morro Grande 1, Morro Grande 2, Morro Grande 3, Sítio Histórico Praia Grande – Unidade 21 (São Francisco do Sul); Sítio Histórico Foz do Cubatão (Joinville); Armação da Piedade (Governador Celso Ramos); Fortaleza São José da Ponta Grossa, Armação do Sul, Casa Ítalo-Brasileira, Museu Histórico de Santa Catarina e Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição (Florianópolis). Outros sítios foram somente registrados: o sítio Casa de Escravos na localidade da Enseada de Brito no município de Palhoça e o sítio Cemitério das Invernadas dos Negros no município de Campos Novos. (COMERLATO, 2003).

A história destes locais mostra a existência de senzalas e cemitérios e a circulação intensa de africanos e/ou afros-descendentes, tanto em contextos urbanos quanto rurais.

Outros artefatos destes grupos são as cerâmicas utilitárias encontradas nos sítios históricos, atribuídas à Tradição Neobrasileira³. Nesta cerâmica, predomina a decoração incisa formando motivos geométricos, entre eles: arcos secantes paralelos (fig. 1), quadriculado (fig. 2), pontilhado, linhas em ziguezague e linhas onduladas. Nos sítios arqueológicos históricos em Santa Catarina, constatamos que estes recipientes foram amplamente utilizados para o cozimento de alimentos nas cozinhas, pela observação dos vestígios de fuligem nas superfícies externas dos mesmos. Em geral, a forma é globular não ultrapassando os 40 cm de altura. (COMERLATO, 1998, p. 144).

³ “Uma tradição cultural caracterizada pela cerâmica confeccionada por grupos familiares, neobrasileiros ou caboclos, para uso doméstico, com técnicas indígenas e de outras procedências, onde são diagnósticas as decorações: corrugada, escovada, incisa, aplicada, digitada, roletada, bem como asas, alças, bases planas em pedestal, cachimbos angulares, discos perfurados de cerâmica e pederneiras”. (PRONAPA, 1976 apud SOUZA, 1997, p. 130).

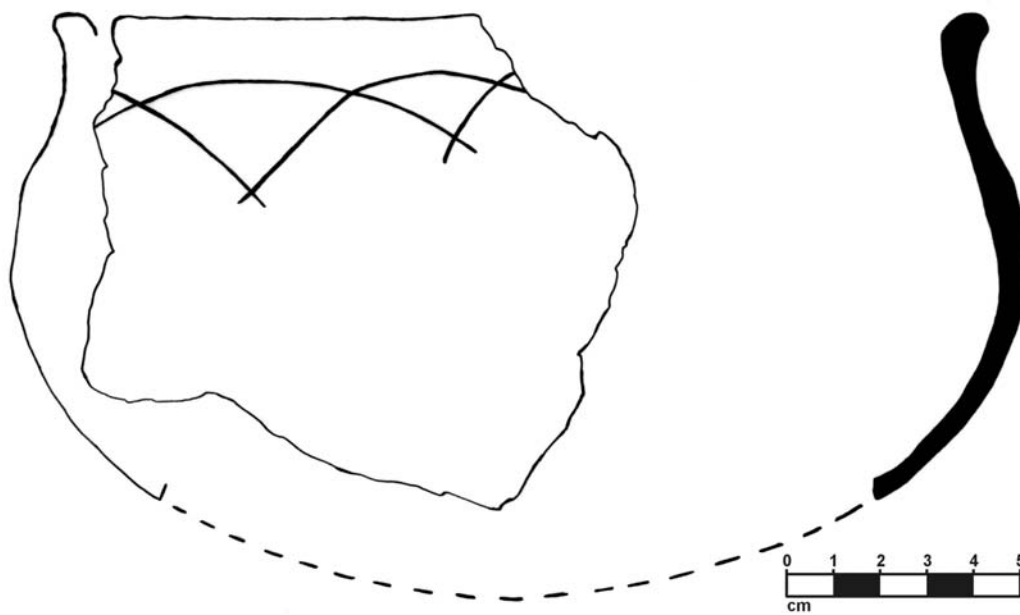


Figura 1- Reconstituição hipotética da forma de vasilhame cerâmico a partir de um fragmento com decoração de arcos secantes paralelos à borda. Sítio: Armação da Lagoinha, Florianópolis - SC.
Desenho: Fabiana Comerlato.

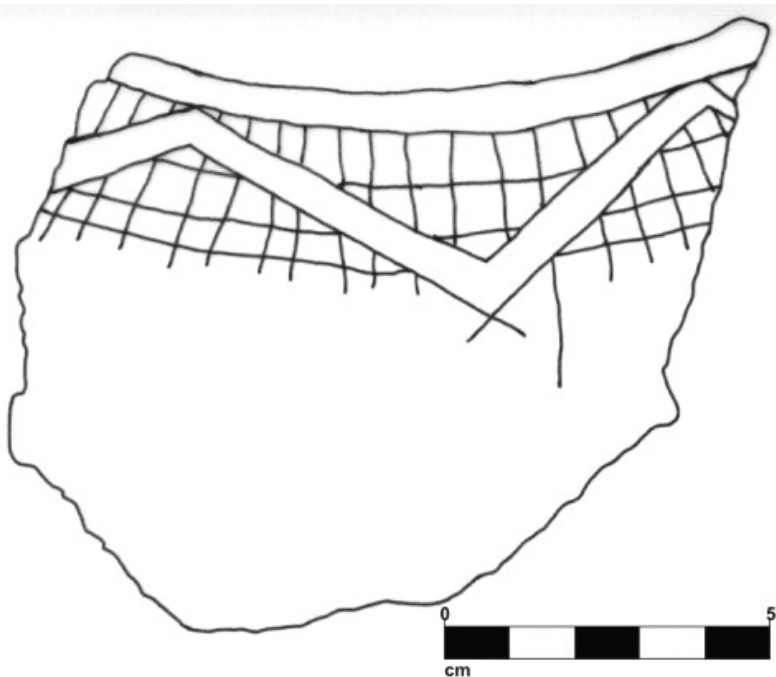


Figura 2 - Fragmento de vasilhame cerâmico com decoração incisa quadriculada com ziguezague sobreposto. Sítio: Fortaleza de São José da Ponta Grossa, Florianópolis - SC.
Desenho: Fabiana Comerlato.

Além dos aspectos funcionais dos cachimbos e da cerâmica utilitária, estes materiais podem ter sido suporte para a representação e/ou reprodução do universo simbólico dos seus fabricantes e usuários. Neste sentido, a decoração não pode ser estudada como um componente meramente estético. A reprodução de padrões decorativos não foi aleatória e mecânica, mas intencional e simbólica. O estudo de cachimbos arqueológicos do Rio de Janeiro sugeriu a comparação de seus padrões decorativos com as escarificações de grupos étnicos africanos, retratadas nas ilustrações de viajantes europeus do século XIX (AGOSTINI, 1997; AGOSTINI, 2000, p. 1-4).

A decoração da cerâmica Neobrasileira como elemento de identidade pode ser o viés para a problematização das relações entre cultura material e etnicidade.

Ao final, podemos considerar que o mapeamento dos sítios arqueológicos históricos e o estudo de sua cultura material tornam-se, hoje, fundamentais para interpretarmos as estratégias de sobrevivência dos africanos e seus descendentes. A arqueologia histórica tem, neste sentido, um importante papel: o de dar voz às sociedades e grupos subalternos⁴, no qual somente a produção histórica não consegue dar visibilidade a complexidade das relações sociais pretéritas.

3 As oficinas “Arqueologia e populações de origem africana”

As discussões teóricas nas oficinas permearam a compreensão da construção da arqueologia histórica, especificamente da arqueologia da etnicidade⁵ através das abordagens problematizadas por Jones (1997). No decorrer dos trabalhos, foram apresentados os resultados de pesquisas já realizadas no Brasil em assentamentos com presença majoritária de africanos e de seus descendentes, além de sua cultura material (cerâmica neobrasileira, cachimbos, contas e outros).

⁴ Grupos subalternos são grupos ou indivíduos marginalizados ou oprimidos que estão inseridos nas cadeias coloniais de dominação em seus níveis de subalternidade.

⁵ Jones (1997) responde para a necessidade de uma re-orientação na maneira em que grupos culturais passados são reconstruídos pela evidência arqueológica, através de uma síntese compreensiva e crítica das recentes teorias de etnicidade nas ciências humanas. Ao fazer isso, ela desenvolve uma nova ferramenta para a análise da etnicidade na arqueologia que leva em conta a natureza dinâmica e posicional da identificação étnica, uma ferramenta que tem importantes implicações metodológicas, interpretativas e políticas.

Após a primeira oficina, ficou evidente que os participantes⁶ precisavam compreender empiricamente como os arqueólogos empreendiam suas “leituras” na cultura material. Desta maneira, foi elaborada uma proposta de exercício, aplicada às edições seguintes da oficina, simulando o trabalho dos arqueólogos em laboratório, com o material arqueológico de uma senzala. A atividade atingia dois objetivos: a aproximação dos participantes à prática arqueológica e o contato com o material arqueológico de um sítio de ocupação africana.

O material selecionado para o exercício faz parte da coleção arqueológica do sítio Armação do Sul do Museu do Homem do Sambaqui S. J. Pe. João Alfredo Rohr, localizado no Colégio Catarinense em Florianópolis. Este sítio foi escavado em duas ocasiões (1969 e 1974) na área da senzala da armação da Lagoinha (ROHR; ANDREATTA, 1969).

A armação – vila pesqueira de baleias – foi fundada em 1772 e a localização da senzala é confirmada pelos documentos escritos e iconográficos. Este acervo é de importância ímpar para Santa Catarina, já que é o único sítio que, seguramente, podemos atribuir sua cultura material às populações de origem africana.

Esta parte da oficina baseou-se em experiências da educação patrimonial que desenvolve sua tarefa pedagógica ao considerar de acordo com Grunberg (2000, p. 168), “[...] os bens culturais como fonte primária de ensino.” A metodologia da educação patrimonial segue as seguintes etapas: a observação, o registro, a exploração e a apropriação (GRUNBERG, 2000, p. 174-175).

Com referência a esta metodologia, foi organizada a atividade educativa.

Inicialmente, os participantes dividiram-se em grupos de três a quatro pessoas; cada um dos grupos recebeu um saco de papelão, identificado com o número da equipe, com 15 fragmentos cerâmicos do referido sítio arqueológico. O material foi manuseado cuidadosamente com luvas sob a supervisão e orientação da ministrante.

Na primeira etapa, os participantes, em posse do material, tiveram que classificá-lo em categoriais, sendo que cada grupo definia os seus critérios de classificação a partir da observação direta dos fragmentos cerâmicos. Na segunda etapa, as equipes registraram as informações de cada fragmento em uma ficha e localizaram o material na planta da escavação do sítio. O momento seguinte foi a análise dos dados, como base para as discussões das relações entre cultura material e sociedade. A última etapa foi a

⁶ Em geral, os participantes das oficinas eram professores, alunos dos cursos de Ciências Humanas e, em menor número, alguns profissionais de outras áreas.

exposição e apresentação oral dos resultados que obtiveram, discussão das categorias classificatórias e das possibilidades de análise dos fragmentos.

Os participantes desenvolveram as atividades com os fragmentos de vasilhames e cachimbos cerâmicos. Dentre as categorias classificatórias adotadas por cada equipe para a *leitura* do material arqueológico, observa-se: técnica de confecção, forma, decoração, marcas de uso, estado de conservação e identificação do fragmento (base, bojo, borda, tampa, asa, cabo, forninho, porta-boquilha etc). Ao final, os participantes foram estimulados a refletir acerca do material arqueológico de maneira interpretativa, buscando elementos para compreensão do cotidiano das populações de origem africana que habitaram a senzala da armação da Lagoinha no século XVIII.

As atividades possibilitaram aproximar os participantes da prática arqueológica e do exercício da leitura da cultura material, para avaliar o potencial informativo dos artefatos e, ao mesmo tempo, observar em que medida estes dados podem refletir no conhecimento histórico, no caso específico, das populações de origem africana.

4 Considerações finais

Em síntese, pode-se dizer que as oficinas atingiram o resultado esperado – tornar mais familiar às discussões acerca da arqueologia da etnicidade aplicada as populações de origem africana. Também se procurou desenvolver a percepção da cultura material como suporte de significados, ultrapassando as análises tecnológicas, descritivas e formais.

Um ponto positivo foi o caráter eclético das turmas: alunos de Pedagogia à distância da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), alunos de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da UDESC, professores da rede pública e integrantes do NEAB. Para os professores e estudantes de cursos de licenciatura, o contato com a educação patrimonial poderá ser uma importante ferramenta educacional aplicada aos recursos culturais.

O desenvolvimento de pesquisas referente à temática da arqueologia e populações de origem africana em Santa Catarina – como o registro de novos sítios arqueológicos, escavações arqueológicas, estudos da cultura material, pesquisas em

documentos escritos sobre aspectos materiais do passado – certamente trarão novos resultados sobre a trajetória destas populações.

Nota

A autora agradece a Carlos Costa, Cláudia Cunha, Humberto Luiz Sobierajski, Paulino de Jesus Francisco Cardoso, Sidney Linhares e a todos os participantes das oficinas.

Referências

AGOSTINI, Camila. *Cachimbo de Escravos e a Reconstrução de Identidades Africanas no Rio de Janeiro, Século XIX*. 1997. Monografia (Bacharelado em Arqueologia). Faculdade de Arqueologia Estácio de Sá. Rio de Janeiro, 1997.

_____. Estratégias de Resistência e o Uso de Cachimbo Cerâmicos por Escravos no Século XIX. In: IX CONGRESSO DA SOCIEDADE ARQUEOLÓGICA BRASILEIRA. *Anais*. Rio de Janeiro, 2000.

CARLE, Cláudio Baptista. *Assentamentos negros no Rio Grande do Sul*. A organização espacial dos assentamentos de ocupação tradicional de africanos e descendentes no Rio Grande do Sul, nos séculos XVIII e XIX.. 2001. Projeto de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica - PUCRS. Porto Alegre, outubro de 2001.

COMERLATO, Fabiana. *Análise Espacial das Armações Catarinenses e suas Estruturas Remanescentes: um estudo através da arqueologia histórica*. 1998. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Pontifícia Universidade Católica - PUCRS. Porto Alegre, 1998.

_____. Retrospectiva da Arqueologia Histórica em Santa Catarina. V CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS IBERO-AMERICANOS, *Anais*. Porto Alegre, 2003. CD-Rom.

FUNARI, P. P. A. A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial. In: ZARANKIN, A.; SENATORE, M. X. (org.) *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul*. Buenos Aires: Ediciones del Tridente, 2002. p. 107-115. (Colección Científica).

GRUNBERG, Evelina. Educação Patrimonial. Utilização dos bens culturais como recursos educacionais. *Cadernos do CEOM*. Chapecó, n. 12, p. 159-180, 2000.

JONES, Siân. *The Archaeology of Ethnicity: Constructing identities in the past and present*. London: Routledge, 1997.

LEITE, Ilka Boaventura. Territórios de Negros em Área Rural e Urbana: algumas questões. Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas. *Textos E Debates*. Florianópolis, ano 1, n. 2, p.39-46, 1991. (Terras e Territórios de Negros no Brasil. UFSC).

ORSER JR., Charles E. *Introdução à Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

PIAZZA, Walter Fernando. *A Escravidão Negra numa Província Periférica*. Florianópolis: Garapuvu, 1999.

ROHR, João Alfredo; ANDREATTA, Margarida. O Sítio Arqueológico da Armação do Sul. (Nota prévia). *Pesquisas*, São Leopoldo, n. 20, p. 135-138, 1969. (Antropologia)

SOUZA, Alfredo Mendonça de. *Dicionário de Arqueologia*. Rio de Janeiro: ADESA, 1997.

VIANNA, Hélio. Cachimbo africanos, indígenas e brasileiros das Coleções Etnográficas do Museu Nacional: uma contribuição à análise da categoria material neobrasileiro em Arqueologia. IX CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA. *Anais*. Rio de Janeiro, 2000.

Endereço:

Rua Alves de Brito n. 321 apto 701 Centro.

88015-440. Ilha de Santa Catarina

E-mail: fabic@matrix.com.br

Recebido em: 02/2004

Aprovado em: 06/2005